

Bruno de Menezes: Quarenta anos de vida literária *

Eneida

Bruno de Menezes, poeta, escritor, folclorista é desses paraenses de quatro costados, paraora autêntico desde a cor da pele até a voz, fala, gesto e sentimentos paraenses. Há quarenta anos que Bruno de Menezes trabalha intelectualmente. Foi operário gráfico, abandonou a profissão, em 1920 publicou um pequeno livro de versos chamado “Crucifixo” depois se tornou jornalista e continua em Belém em pesquisas folclóricas, (seu livro “Batuque” é um reflexo dessas pesquisas), escrevendo poesia e prosa. Ei-lo agora ganhando o prêmio no concurso de sonetos promovido pela Academia de Letras de Ilhéus. Um concurso sem dúvida muito nos velhos moldes: a Academia de Ilhéus criou, para este ano de 1960, em homenagem ao Príncipe dos Poetas Brasileiros — o quarto príncipe — Guilherme de Almeida, um prêmio que seria concedido ao poeta que melhor compusesse onze sonetos com “chaves de ouro”, imaginadas por Guilherme de Almeida e publicadas em seu livro “Poesia Vária”: “Paraíso perdido que eu achei: Tua essência que é tudo em meu todo que é nada”: “Quanto mais juntos, tanto mais sozinhos” etc.

O primeiro colocado — e foi o nosso poeta paraense Bruno de Menezes ganhou vinte mil cruzeiros; o segundo, — Edmundo Costa — dez mil, o terceiro — Osório Dutra — cinco mil. Esses prêmios foram entregues ao vencedor na cidade de Ilhéus, em solenidade especial, dia 28 de junho passado.

Agora o governador do Pará, general Moura Carvalho mandou imprimir os onze sonetos de Bruno de Menezes numa plaqueta cuidadosa que foi lançada em Belém, na Livraria D. Quixote, numa tarde de autógrafos muito movimentada. Está assim o governo e a cidade homenageando não apenas o prêmio do poeta paraense, mas também seus quarenta anos de vida intelectual.

Saudando-o, hoje aqui, não falarei apenas desse prêmio, mas de um outro trabalho que foi publicado em fins de 1959 e editado na nossa mui leal e formosa e cheirosa e ensolarada Santa Maria de Belém do Grão Pará.

Aqui mesmo comentei, eu há algum tempo o trabalho de Bruno de Menezes sobre o “Boi Bumbá”, do qual mestre Câmara Cascudo disse: “Boi Bumbá foi lido. Lido? Dançado! É um documento vivo e fiel

do auto, movimento, comunicação emocional, riqueza de registros, pureza de informação. É modelar no plano da pesquisa, uma pesquisa direta e linda no meio do povo”.

É no meio do povo, como povo mesmo, que vive Bruno de Menezes dando-nos agora um novo estudo delicioso. Um trabalho de levantamento folclórico sobre São Benedito, um especial “São Benedito da Praia” que teve seu altar num botequim do Ver-o-Peso chamado “Águia de Ouro”, onde é reverenciado pelos fiéis, em geral gente do mercado, aquela caboclada valente do Ver-o-Peso.

Diz Bruno de Menezes:

“É um ponto convergente da clientela de todas as categorias sociais que procura o Ver-o-Peso para adquirir no seu comércio ciganeiro, os gêneros de necessidades primárias, ter encontros marcados para serviços, ajustes de contas de “muambas” e sabe-se lá de quantas operações diárias. Por isso, no bar se vêem pequenos comerciantes, tripulantes, “atravessadores” profissionais, velhos fiscais da Prefeitura de Belém, trabalhadores de peixe, agentes da Polícia Civil, cambistas de “jogo do bicho”, braços que vivem de qualquer trabalho, funcionários públicos, pára-quedistas e, também, caboclos canoeiros que ficam “matando o tempo” enquanto esperam a maré”.

A estória do nascimento desse culto é deliciosa: o santinho preto foi encontrado por um “caboclo mareante, tripulante de embarcação freiteira”. Num cair de tarde, próximo à Ilha do Marajó, o referido embarcadiço viu boiando nas ondas uma coisa que não sabia o que era. Chamou a atenção dos companheiros e dos pilotos que também viram o objeto. Como os ventos estavam favoráveis e o tempo calmo, foi permitido que o marinheiro caísse n’água e nadasse para buscar o objeto. Era uma velha maleta, e dentro dela, misturado com peças de roupa e jornais, uma imagem de São Benedito desbotada e sem pintura”, sem o Menino Jesus nos braços.

O fato ocorreu em 1953. Chegando a Belém com seu achado, o tripulante, cujo nome não é citado por Bruno de Menezes, foi beber a sua pinga costumeira no Bar “Águia de Ouro”, cujo proprietário, um homem natural de Salinópolis, chamado Manuel

Sarmanho ouviu o “causo” de São Benedito e ainda mais: recebeu a proposta de ficar “com este pretinho” em pagamento da conta que o homem devia ali.

Houve logo mais bebidas para comemorar a imagem “salva das águas” e Sarmanho depois de mandar restaurar o santo, colocou-o num altar, ou seja, a “um espaço de metro e meio acima do piso, numa base de madeira envernizada, em forma circular, com espaço para serem colocados pacotes de velas de cera e promessas (ex-votos) de curas alcançadas por intermédio de São Benedito da Praia.

Continuemos lendo Bruno de Menezes:

“Apesar de ser católico praticante, o sr. Manuel Sarmanho, que conta cinqüenta e três anos de idade, julga muito natural freqüentar certas tendas de Umbanda”, sendo protegido por Jandirana...”. Indo (ele) a uma sessão de “linha de caboclo” ao “baixar”o “guia” Jandirana, procurou consultá-la a respeito de sua saúde, de seus negócios, de seu bem-estar e de sua família... “Jandirana referiu-se à imagem de São Benedito que fora parar em mãos do consulente, mencionando a índia o seu milagroso achado em alto-mar e que já estava no altar que o santo tanto desejava”... “Em seguida, Jandirana aconselhou-o que conservasse a imagem em seu poder, que era muito milagrosa”...

Assim nasceu no Mercado do Ver-o-Peso o culto a “São Benedito da Praia”. Foi Jandirana, conta Bruno de Menezes quem insistiu para que o “santo fosse bem tratado”, disse como devia ser iluminado o altar, quais as “cores do santo” e mandou que ele ficasse colocado no oratório com crucifixos e duas imagens de “caboclos” em atitude defensiva “contra males desejados”.

Tudo isso começou a acontecer em 10 de novembro de 1955 e agora, todos os anos, nessa data há todo um cerimonial popular em homenagem ao santo. Um mastro é plantado (“ostentando — diz Bruno de Menezes — de preferência, os artigos de vendas nessa quadra do Ver-o-Peso) tremula a bandeira de

São Benedito (“agitada pelos ventos da baía do Guajará”), saem homens, mulheres, crianças, com esse “mastro”, na “ginga” e na “onda”, cantando toadas populares como fez o seu iniciador, Fernando Alberto Leal, caboclo amazônico. “A folia começada pelo devoto Fernando — é Bruno de Menezes quem conta — chamou a atenção dos comerciantes daquela zona do Ver-o-Peso, conquistou adeptos”. “A imagem de São Benedito é retirada de seu nicho, no Bar “Águia de Ouro” e trazida para o cais. Junto ao mastro preparam um altar provisório, com toalhas rendadas, para o santo ficar exposto às demonstrações da crença anônima”.

O trabalho de Bruno de Menezes sobre São Benedito da Praia, uma nova festa folclórica que ora se realiza em Belém é digno de nota: conta-nos ele como o culto começou, descreve-nos o bar onde São Benedito hoje tem seu altar, os seus festejos, fala-nos da vida do Ver-o-Peso, — aquele mercado paraense que bem merecia um romancista — para descrever depois a história e a vida de São Benedito, segundo a Igreja Católica.

Ganhando o primeiro prêmio do concurso “São Jorge de Ilhéus”, Bruno de Menezes está também comemorando todos os livros que escreveu desde 1920: “Crucifixo”, “Bailado Lunar” (1924), “Poesia”, (1931); “À Margem do Cuia-Pitinga” (1937), “Batuque” (1939), “Batuque” (3a. edição — 1945); “Maria Dagmar, novela, (1950); “Lua Sonâmbula” , (1953); “Batuque” (4a. edição) — 1953; “Candunga” romance (1954), “Poema para Fortaleza” (1957); “Boi Bumbá” (1958); “São Benedito da Praia” (folclore do Ver-o-Peso — 1959); “Onze Sonetos” (1960).

* Publicado em “A Província do Pará”